



# As cerimônias fúnebres no Brasil colonial: ponto de vista historiográfico e descrições dos séculos XVII e XVIII

The funeral ceremonies in Colonial Brazil: historiographical viewpoint and descriptions of seventeenth and eighteenth centuries

**Clara Braz dos Santos**

Mestre em História

UNESP – Campus Franca

[clara.huf@gmail.com](mailto:clara.huf@gmail.com)

## **RESUMO:**

No Brasil dos séculos XVII e XVIII, foi recorrente a realização de cerimônias fúnebres em homenagem aos defuntos de prestígio, integrantes da monarquia ou da nobreza portuguesa e colonial. Assim como os nascimentos, os casamentos e as aclamações reais, os funerais configuravam-se como cerimônias oficiais e deveriam ser organizados com muita pompa pelas câmaras, conventos, irmandades ou nobres das principais capitanias do Brasil. Entre os estudiosos que se dedicaram a analisar os funerais, alguns os definiram como “festas” que tinham o propósito de exaltar as autoridades. Todavia, quando nos debruçamos sobre os elogios fúnebres produzidos por religiosos e moralistas durante o Seiscentos e o Setecentos, nota-se que os coevos não os compreendiam como uma festa, mas como um momento para manifestar os sentimentos de dor e difundir lições morais sobre a morte mediante o exemplo dos defuntos homenageados. Destarte, o propósito deste artigo é problematizar a definição de festa atribuída aos funerais pela historiografia a partir das descrições veiculadas nos encômios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cerimônias fúnebres, escritos sobre a morte, Brasil colonial

## **ABSTRACT:**

In Brazil of the seventeenth and eighteenth centuries, it was recurred the achievement of funeral ceremonies in honor of the deceased of prestige, members of monarchy or Portuguese and colonial nobility. As the births, the marriages and the royal acclamations looked like official ceremonies and should be organized with much pomp by chambers, convents, brotherhoods or nobles from the main captaincies of Brazil. Among the scholars that dedicated to analyze the funerals, some has defined them as “parties”, which had the purpose of exalt the authorities. However, when we look at the funeral compliments produced by religious and moralists during the sixteenth and seventeenth centuries, it is noticed that the coevals did not understand them as a “party”, but as a moment to manifest their feelings of pain and spread moral lessons about death trough the example of the honored deceased. Thus, the purpose of this article is to problematize the definition of party attributed to the funerals by historiography from the description conveyed in the compliments

**KEY-WORDS:** Funeral ceremonies, writings about death, Colonial Brazil



## **Introdução: morte e funeral na colônia portuguesa**

No Brasil, durante os séculos XVII e XVIII, foi recorrente a realização de cerimônias fúnebres em homenagem à morte de membros da nobreza portuguesa ou colonial, tais como: reis, consortes, bispos, arcebispos, governadores e marquesas, ou seja, homens e mulheres proeminentes, que, de alguma forma, mantinham relações com a colônia e com outras partes do império português. Do mesmo modo que o nascimento, o casamento e a aclamação, a morte era um dos momentos do ciclo da vida dos nobres que deveria ser celebrado com muita pompa e reverência<sup>1</sup>, pois aqueles que foram considerados grandes durante a vida, mereciam ser eternizados na memória dos vivos como exemplos de virtude. Nesse sentido, mesmo quando o corpo do morto não estava presente na cerimônia fúnebre, as câmaras, as irmandades, as academias literárias ou a nobreza que habitava o Brasil eram obrigadas a executar as honras fúnebres desses homens e mulheres de prestígio com direito a estandarte, mausoléu entre outros artefatos que cumpriam o papel de representar seus corpos na ocasião, porque as cerimônias fúnebres configuravam-se como uma das formas dos súditos da colônia comprovarem lealdade e respeito a seus governantes.

Alguns dos primeiros estudiosos que se dedicaram a analisar os funerais desses nobres realizados na colônia, como Affonso Ávila, José Aderaldo Castello e João José Reis, definiram tais cerimônias como “festas”, que possuíam como fim a exaltação da monarquia portuguesa ou de alguma autoridade.<sup>2</sup> No entanto, quando nos debruçamos sobre as relações e elogios fúnebres produzidos por religiosos e moralistas dos séculos XVII e XVIII – escritos produzidos sistematicamente nesses dois séculos e que descrevem em minúcias esses funerais –, é possível notar que os letrados da época não compreendiam tais ocasiões como um tipo de festividade. Segundo esses homens, não era objetivo desses eventos causar júbilo no público, mas manifestar os sentimentos de dor e pesar e difundir lições morais sobre a morte mediante o exemplo edificante dos defuntos homenageados. A morte dos nobres, mais que uma ocasião de louvor, foi entendida, por pregadores católicos e por moralistas, como um momento em que os colonos deveriam lembrar que todos morriam, inclusive os grandes, cabendo a cada um dos presentes na cerimônia fúnebre,

---

<sup>1</sup> Cf.; KANTOR, Iris (org.). **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. Vol. 2. 1. ed. São Paulo: Hucitec/Edusp/ Fapesp/ Imprensa Oficial, 2001.

<sup>2</sup> ÁVILA, Affonso. **O lúdico e as projeções do mundo barroco**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994, 2. v.; CASTELLO, Aderaldo. **O movimento Academicista no Brasil: 1641-1820/22**. 1. ed. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969; REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.



portanto, contemplar o defunto, a pompa fúnebre e reavivar a memória da morte, concebida como necessária para galgarem uma vida virtuosa e a almejada salvação.

O ato de lembrar da própria morte foi, pois, considerado no Seiscentos e no Setecentos como um dos exercícios de aperfeiçoamento da alma dos católicos, isto é, como uma prática de devoção disseminada entre os colonos nas pregações, nas cerimônias visíveis da igreja, e em suas descrições impressas em forma de livro, elaboradas por clérigos e moralistas que atuaram na colônia.<sup>3</sup> É necessário, no entanto, não perder de vista que a preocupação com a reflexão sobre a morte não configura uma especificidade dos trópicos. Prática oriunda do Portugal Moderno, difundida em sermões e elogios que descreveram os funerais, bem como nas pregações penitenciais e livros de devoção, o exercício de memória da morte fazia-se presente, igualmente, em outras localidades do ocidente cristão<sup>4</sup>, e remontava à tradição das *artes moriendi* do século XV, livros de caráter pragmático, que buscavam ensinar os fiéis cristãos a se prepararem para o trespasse.<sup>5</sup> Todavia, ao contrário das *artes moriendi* do final da Idade Média, que centralizavam a preocupação com a morte, sobretudo, para a hora das aflições do moribundo no leito, os escritos dos séculos XVI ao XVIII, propagaram a assertiva de que era imprescindível aos fiéis uma preparação cotidiana para conquistarem uma boa morte, isto é, um passamento tranquilo, sem agonias, e que tivesse como desfecho a glória do céu.

Segundo alguns especialistas no tema, a mudança verificada nas *artes moriendi* e nos escritos da Idade Moderna que prescreviam sobre a morte, ocorreu, principalmente, devido ao modelo de espiritualidade propagado por religiosos e moralistas após o Concílio de Trento (1545-1563).<sup>6</sup> Com o intuito de reafirmar os dogmas ortodoxos do catolicismo, a Igreja pós-tridentina investiu na reforma das condutas dos fiéis mediante como, por exemplo, o fortalecimento do sacramento da

---

<sup>3</sup> SANTOS, Clara Braz dos. **O exercício moral de memória da morte nos escritos religiosos do Brasil colonial (séculos XVII e XVIII)**. 2016. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-Graduação em História, Franca, 2016.

<sup>4</sup> Como destacam alguns estudiosos, França, Espanha e Portugal são algumas das principais localidades onde os escritos sobre a morte foram recorrentes durante o período moderno. Cf.: CHARTIER, Roger. *Les arts de mourir, 1450-1600*, **Annales, Économies, Sociétés, Civilisations**, n. 1, pp. 85-88, 1976; ROCHE, Daniel. *La Mémoire de la Mort: recherche sur la place des arts de mourir dans la Librarie et la lecture em France aux XVII et XVIIIe siècles*, **Annales, Économies, Sociétés, Civilisations**, n. 1, pp. 102-104, 1976; ARAÚJO, Cristina. **A morte em Lisboa: atitudes e representações (1700-1830)**. 1. ed. Lisboa: Editorial Notícias, 1997; COELHO, Antônio Matias. **Atitudes perante a morte**. 1. ed. Coimbra: Livraria Minerva, 1991.

<sup>5</sup> ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte**. Volume I. 2. ed. Trad. Ana Rabaça. Mem Martins: Editora Europa-América, 2000, pp. 129-166; VOVELLE, Michel. **La Mort et l'Occident**. De 1300 à nos jours. 1. ed. Paris: Gallimard, 1983.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. Normas e condutas: as artes de bem morrer (1450-1600). In: \_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. 2. ed. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 131-173; ARAÚJO, Ana Cristina. **A morte em Lisboa**, p. 152; RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 57.



confissão, o investimento nas missões evangelizadoras e nas pregações, bem como a produção de escritos edificantes, entre eles, os livros de devoção e os elogios.<sup>7</sup> Assim, em um período no qual a Igreja intentava controlar as consciências e comportamentos dos fiéis católicos de aquém e além-mar, as prescrições morais sobre a morte, difundidas nos elogios proclamados em diversas capitâneas e vilas do Brasil colonial e impressos em prelos portugueses, e que buscavam retratar e dar sentido às cerimônias fúnebres, foram fundamentais para o enquadramento dos colonos e de suas mulheres. Em uma Colônia onde eram poucos aqueles que sabiam ou queriam ler, a difusão de valores morais aos colonos era efetivada, sobretudo, nos púlpitos<sup>8</sup>, embora os impressos também tivessem um papel nessa empreitada, como nos sugerem os letrados da época que destinavam seus escritos aos colonos remontados.<sup>9</sup>

À vista disso, procurar-se-á comprovar neste artigo como os funerais da Colônia, segundo o que foi registrado por pregadores e moralistas dos séculos XVII e XVIII, constituíam-se como cerimônias de caráter edificante, não se configurando, portanto, como festividades. Para tanto, questionar-se-á a definição de festa atribuída aos funerais por alguns estudiosos a partir de uma breve análise de suas produções e de algumas descrições elaboradas por religiosos e moralistas que atuaram nesse espaço.

### **Perspectivas historiográficas: a morte como uma festa**

As pesquisas sobre as cerimônias fúnebres da Colônia começaram a ser realizadas por estudiosos brasileiros entre as décadas de 1970 e 1980 e estiveram vinculadas às análises sobre as festas coloniais, como as festividades em homenagem aos santos, em honra aos nascimentos e casamentos dos nobres, e aquelas decorrentes das entradas episcopais. Influenciados pelos estudos

---

<sup>7</sup> PALOMO, Federico. Conduzir as condutas. Formas e instrumentos de difusão do discurso religioso. In: \_\_\_\_\_. **A Contra-Reforma em Portugal: 1540-1700**. 1. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 57-90; VAINFAS, Ronaldo. A Contra-Reforma e o Além-mar. In: \_\_\_\_\_. **Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997, p. 19-43; SOUZA, Evergton Sales. A construção de uma cristandade tridentina na América portuguesa (séculos XVI e XVII). In: GOUVEIA, Antônio Camões; BARBOSA, Davi Sampaio; PAIVA, José Pedro (coords.). **O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos**. 1. ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/ Centro de Estudos de História Religiosa, 2014, p. 175-195.

<sup>8</sup> MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 1. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 155-220; ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil**, vol. 1, p. 115.

<sup>9</sup> Segundo os religiosos e moralistas dos séculos XVII e XVIII, a impressão dos elogios era fundamental, porque, quando os encômios se convertiam em livros, poderiam ser lidos por aqueles que não presenciaram a pregação oral e a cerimônia fúnebre. Por outro lado, aqueles fiéis que participaram do funeral ou exéquias poderiam, mediante a leitura, reavivar a memória do morto e da morte. Para mais informações sobre o assunto, conferir: SANTOS. **O exercício moral de memória da morte nos escritos religiosos do Brasil colonial (séculos XVII e XVIII)**, p. 56-58.



sobre os rituais públicos no Antigo Regime elaborados pela nova história francesa, bem como pelas produções na área da sociologia, antropologia e literatura, que focavam as dimensões políticas e teatrais da festa denominada “cultura barroca”, muitos estudiosos passaram a conceber como festa a maioria das cerimônias públicas organizadas com pompa.<sup>10</sup> Foi principalmente a partir da obra *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, publicada pela primeira vez em 1971, por Affonso Ávila, crítico de arte e historiador da cultura, que os funerais ou exéquias da colônia passaram a ser encarados como um tipo de “festa barroca”.<sup>11</sup> O objetivo principal do livro é mostrar como no Brasil a partir do século XVII e, principalmente, nas Minas do século XVIII, o barroco esteve presente não apenas como estilo artístico, mas como estilo de época, como uma mentalidade cuja síntese podia ser compreendida mediante as manifestações entendidas pelo autor como “lúdicas”, tais como as festas.<sup>12</sup> Segundo Ávila, as festas coloniais possuíam: “[...] padrões mais ou menos fixos, fosse o motivo de regozijo ou lutuoso, mas a estrutura da festa, na sua substância e organização, atendia em tudo à instância lúdica subjacente à mentalidade barroca, estimulando o povo a colocar em evidência toda a disponibilidade inata para o lazer de comprazimento ou para a exaltação piedosa”<sup>13</sup>.

Fica explícito, nas palavras de Ávila, que as festas da Colônia teriam uma identidade comum, identidade essa que seria partilhada, inclusive, com o carnaval moderno, pois, para ele, as festas “ao anular as barreiras entre a casa grande e a senzala, [...] nos prepara para entender a contradição brasileira e para apreender, para além dela, a lição moderna de liberdade e integração que nos é presentificada pelo espetáculo cíclico do carnaval”<sup>14</sup>. Com o intuito de buscar nas relações de festa e elogios do Seiscentos e do Setecentos as características que definissem e explicassem a cultura e a história do Brasil do século XX, Ávila acaba formulando uma perspectiva essencialista sobre as festas coloniais. Do mesmo modo, a ocasião fúnebre, para Ávila, partilhava dessas características. No entanto, foi em outro trabalho, nomeadamente o artigo *Uma encenação barroca da morte*<sup>15</sup>, que o estudioso realizou uma análise mais detalhada dos funerais ou exéquias do Brasil colonial, tomando como modelo principal a capitania de Minas.<sup>16</sup> Dando continuidade à

---

<sup>10</sup> KANTOR (org.). *Festa*, p. 7-13.

<sup>11</sup> Cf.; ÁVILA. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*.

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, p. 60.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, p. 148.

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, p. 180.

<sup>15</sup> ÁVILA, Affonso. Uma encenação Barroca da morte – as solenes exéquias de D. João V em São João Del-Rei, Barroco, Belo Horizonte, **Centro de Estudos Mineiros**, UFMG, n. 3, pp. 41-47, 1971.

<sup>16</sup> De acordo com Ávila: “[...] foi na capitania de Minas Gerais que o projeto social de festa de ascendência ibérico-barroca se desenvolveu, no século dezoito brasileiro, com recursos e condições mais favoráveis”. Cf.: \_\_\_\_\_. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, p. 151.



investigação de escritos que, segundo ele, “põe[m] em evidência a disponibilidade lúdica e a organização festiva como elementos dos mais definidores de uma peculiaridade cultural [...]”<sup>17</sup>, tais como as relações de festa outrora exploradas – *Triunfo Eucarístico* (1734) e *Áureo Trono Episcopal* (1749) –<sup>18</sup>, Ávila procura analisar, no referido artigo, dois sermões fúnebres pronunciados na ocasião da morte do rei D. João V.

Ambos os sermões, denominados *Oração Funebre nas Exequias do Fidelíssimo Rey, e senhor D. João V* e *Monumento do agradecimento, tributo da veneraçam, obelisco funeral do obsequio, relaçam fiel das reaes exequias, que á defunta magestade do fidelíssimo e augustíssimo rey o senhor D. João V*, compostos e pregados pelo religioso Matias Antônio Salgado (1699-?) nas solenes exéquias celebradas na vila de São João Del-Rei, e impressos no ano de 1751 em Lisboa, apresentam, de acordo com o estudioso, descrições comuns dos funerais: requinte e ostentação nos aparatos, forte impacto visual, dramaticidade, morbidade, a morte representada de forma mais realista. Em linhas gerais, as exéquias retratadas nos opúsculos explicitavam “as formas barroquizantes de teatralização do motivo fúnebre”<sup>19</sup>. Para Ávila, os sermões fúnebres, assim como outros encômios produzidos na época – relações de exéquias, sonetos, dísticos, etc., – comprovam como os mineiros “incluíam a própria morte ou o motivo de luto como um ato, ainda que dramático, da sua festa contínua e coletiva, um ensejo a mais da afirmação de sua inata disponibilidade lúdica”<sup>20</sup>.

Depois do livro de Ávila, outra leitura que pautou os estudos sobre as festas foi a edição crítica, publicada entre os anos de 1969-78, dos documentos das academias literárias do Brasil, elaborada pelo estudioso da literatura brasileira, José Aderaldo Castello. O *corpus* documental editado por Castello compreende desde discursos e dissertações acadêmicas à uma série de descrições de cerimônias públicas patrocinadas ou escritas pelos letrados vinculados às academias literárias de 1641 até 1822. Entre as academias, encontramos, por exemplo, a Academia Brasílica dos Esquecidos (1724-1725), a Academia dos Felizes (1736-1740), a Academia dos Seletos (1754), a Academia Brasílica dos Renascidos (1759), a Academia Literária do Rio de Janeiro (1786-1790) e a Arcádia Franciscana Fluminense (primeiro quartel do século XIX).<sup>21</sup> Essas instituições, em consonância com as academias existentes em Portugal desde o século XVI, configuravam-se, de

---

<sup>17</sup> ÁVILA. Uma encenação Barroca da morte – as solenes exéquias de D. João V em São João Del-Rei, Barroco, Belo Horizonte, **Centro de Estudos Mineiros**, UFMG, n. 3, 1971, p. 41.

<sup>18</sup> ÁVILA, Affonso. **Resíduos seiscentistas em Minas Gerais: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco**. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2006.

<sup>19</sup> \_\_\_\_\_. **Uma encenação Barroca da morte**, p. 43.

<sup>20</sup> \_\_\_\_\_. **Uma encenação Barroca da morte**, p. 42.

<sup>21</sup> CASTELLO, José Aderaldo. **O Movimento Acadêmico no Brasil: 1641-1820/22**. 1. ed. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969-1978, III tomos, VI volumes.



acordo com Castello, como espécies de associações culturais, com estatutos próprios, e que tiveram existências efêmeras; elas podem ser definidas tanto “pela atividade literária, como pela matéria de suas reuniões ordinárias, quanto pelos estudos e trabalhos históricos e até científicos”<sup>22</sup>.

Da mesma forma que Ávila, Castello parte do conceito de barroco, e encara o denominado “movimento academicista no Brasil” como uma manifestação do período, classificando as descrições de festas religiosas, entradas, nascimentos, casamentos e funerais, elaboradas pelos letrados dos séculos XVII e XVIII, como “festejos públicos comemorativos”, classificação essa que também parte do pressuposto de que os funerais da colônia também eram festas.<sup>23</sup> Na introdução da sua edição, apresentada no primeiro volume do primeiro tomo, Castello deixa evidente sua compreensão das ocasiões lutuosas:

[...] os “festejos públicos”, constituídos de atos religiosos, iluminárias, cavalcadas, representações teatrais, às vezes comportando “atos acadêmicos”. Variavam, contudo, quanto à sua composição e caráter festivo ou fúnebre, havendo-os complexos, preenchendo dias consecutivos, ou reduzidos a um ou mais aspectos. No seu caráter predominantemente festivo, afitavam sem dúvida a população da vila que lhes servia de cenário. Motivados por fatos diversos, políticos, administrativos, religiosos, fúnebres, deles nos chegaram “relações” éditas e inéditas, simplesmente descritivas ou enriquecidas com matéria literária e histórica [...].<sup>24</sup>

No entanto, foi com o livro do historiador João José Reis, publicado em 1991, e intitulado *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, que a morte e os ritos fúnebres no Brasil foram analisados em um estudo de fôlego, dedicado inteiramente ao tema da morte. O objeto principal da obra é uma revolta popular ocorrida na Bahia, em 1836, que levou as irmandades e outros moradores da cidade de Salvador, adeptos aos enterros nas igrejas, a destruírem o Campo Santo, cemitério construído extramuros da cidade, e que seria utilizado para enterrar os defuntos baianos como cumprimento de um decreto imperial de 1828 que proibia os enterros em solo sagrado. Para entender os motivos que levaram a população baiana a se revoltar contra o cemitério, Reis estuda em detalhes os costumes fúnebres da Bahia do século XIX, que, segundo ele, partilhava, pelo menos até a primeira metade do Oitocentos, de uma “mentalidade” acerca da morte presente desde os tempos coloniais, que via nos enterros dentro das igrejas umas das principais expressões

---

<sup>22</sup> \_\_\_\_\_. *O Movimento Academicista no Brasil*, p. 17.

<sup>23</sup> CASTELLO. *O Movimento Academicista no Brasil*, p. 21

<sup>24</sup> \_\_\_\_\_. *O Movimento Academicista no Brasil*, p. 17.



da boa morte católica.<sup>25</sup> Nesse sentido, o historiador mostra, ao longo do livro, como a proibição de fazer enterros dentro das igrejas, costume arraigado naquela sociedade, foi o estopim da revolta.

Reis reserva oito capítulos de seu livro, dos treze totais, para traçar os costumes funerários e as concepções sobre a morte vigentes na Bahia do século XIX, e um deles é especificamente reservado às cerimônias fúnebres.<sup>26</sup> O historiador justifica sua compreensão dos funerais como uma festa a partir dos relatos de viajantes, escritos que, a partir do século XIX, apresentam muitas descrições sobre os funerais realizados no Brasil. Contudo, o historiador também retoma formulações de Ávila acerca do aspecto lúdico das festas barrocas coloniais.<sup>27</sup> Segundo ele, embora os viajantes não denominassem propriamente os funerais como festas, deixavam isso implícito ao referirem-se aos cortejos fúnebres, enterros, procissões religiosas e serenatas em um mesmo parágrafo, indicando que “para os baianos morte e festa não se excluía”<sup>28</sup>. Além disso, assim como as demais festas religiosas ou civis, as “festas fúnebres”, como denomina o autor, ostentavam certa pompa, reuniam um grande concurso de pessoas, representavam a desordem e a ruptura com o cotidiano.<sup>29</sup>

A despeito de Reis analisar a Bahia do século XIX, seu estudo foi e ainda é uma referência incontornável aos estudos sobre a morte no Brasil, e devido à sua análise sobre as persistências dos costumes fúnebres coloniais no século XIX, também serviu de base a estudos posteriores que igualmente procuraram definir as cerimônias fúnebres da colônia como festas. No entanto, diferentemente do século XIX, as descrições dos funerais dos séculos XVII e XVIII não foram legadas por viajantes estrangeiros, mas por religiosos e moralistas que idealizaram, participaram e organizaram tais cerimônias. Vejamos, por fim, como esses letrados da colônia descreveram os funerais dos nobres.

### **Visões coevas: os espetáculos lúgubres**

No *Vocabulário Latino e Português*, do padre Rafael Bluteau, editado no século XVIII, há um verbete específico para o termo festa, que abrange desde as festas próprias da Igreja Católica, como as de santos, até as cívicas, em honra aos reis ou nobres; porém, não há nenhuma menção aos

---

<sup>25</sup> REIS. **A morte é uma festa**, p. 22.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_. **A morte é uma festa**, p. 137-170.

<sup>27</sup> REIS. **A morte é uma festa**, p. 22-23.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. **A morte é uma festa**, p. 137.

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_. **A morte é uma festa**, p. 138.



funerais como um tipo de festa.<sup>30</sup> Em seu *Diccionario da lingua portuguesa*, Bluteau apresenta uma descrição mais precisa do termo festa: “ação ou função feita em honra e obséquio religioso ou urbano. § Festas, demonstrações de alegria, gosto, amizade com que se agasalha alguém ou alguma boa nova e sucesso”<sup>31</sup>. Por outro lado, no verbete referente à palavra fúnebre, encontra-se a seguinte definição: “que respeita a exéquias, funerais. § *Oração fúnebre*, em louvor de algum morto. § *Pompa fúnebre*, do enterro. § Triste, melancólico, ou que inspira tristeza”<sup>32</sup>.

Nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, de 1719, há uma lista com os dias de festa da Igreja em que se aborda os funerais em títulos distintos, sem se referirem a eles, no entanto, como festas.<sup>33</sup> Regra semelhante pode ser identificada nos cerimoniais utilizados pelos religiosos da época. Nesses escritos, há a separação entre os ofícios destinados às festas dos dias santos da Igreja, e às ocasiões fúnebres, sugerindo que festas e funerais se tratavam de ocasiões com especificidades próprias.<sup>34</sup>

As especificidades das cerimônias fúnebres são ainda mais evidentes nos encômios proferidos no Brasil e impressos em Portugal entre os séculos XVII e XVIII. Os elogios fúnebres, como já foi anunciado, tratam-se de composições produzidas por clérigos e moralistas para homenagear homens e mulheres considerados grandes na época: reis, rainhas, príncipes, princesas, bispos, arcebispos, governadores, marquesas, entre outros. Do mesmo modo, esses escritos descreviam os funerais e intentavam incitar nos ouvintes ou leitores a preocupação com a morte. Geralmente, os encômios – as orações, os sermões e as poesias fúnebres – eram proclamados nas cerimônias fúnebres dos beneméritos, e quando impressos, o letrado adicionava ao livro uma relação minuciosa sobre as celebrações ltuosas organizadas na colônia.

---

<sup>30</sup> BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez Latino de Raphael Bluteau Clerigo Regular*. Volume IV. Lisboa: Real Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1713, p. 94-96.

<sup>31</sup> BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e Acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Tomo primeiro. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 611.

<sup>32</sup> BLUTEAU. *Diccionario da Lingua Portugueza*, p. 644.

<sup>33</sup> VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia Feytas, & ordenadas Pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, & do Conselho de Sua Magestade, Propostas, e aceytas Em Sinodo Diecesano que o dito Senhor celebrou em 12. de Junho do anno de 1707*. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1719, livro II, título XII, §373.

<sup>34</sup> RESSURREIÇÃO, Lourenço da. *Cerimonial dos religiosos capuchos da Provincia de Santo Antonio do Brasil*. Lisboa: Officina de Manoel, e José Lopes Ferreyra, 1708; MARTYRES, Verissimo dos. *Director Funebre Reformado para se officiar, e administrar com perfeição o Sacrosanto Viatico, Extrema-Unção aos enfermos, Enterros, Officios de Defuntos, Procissão das Almas, e outras funções pertencentes aos mortos*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1780.



A *Relação Panegyrica das Honras Funerais* organizada pelo padre João Borges de Barros (1706-?), na ocasião das exéquias do rei D. João V (1689-1750), contém 366 páginas distribuídas em: dedicatória, advertência, poesias (sonetos, romances heroicos, décimas e epigramas produzidos por religiosos e moralistas diversos, convidados por Barros a prestarem homenagem ao rei defunto), licenças, relação das exéquias e sermões fúnebres.<sup>35</sup> O *Summario da vida, & morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha*, de autoria do moralista Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), por sua vez, é mais curto, contendo 90 páginas.<sup>36</sup> Os elogios ao morto poderiam, igualmente, ser compostos e impressos em escritos avulsos. Há uma série de sermões, orações, panegíricos fúnebres, e poesias produzidas por religiosos e moralistas que atuaram na colônia. Entre os encômios fúnebres que tivemos acesso pelo banco de dados do grupo *Escritos sobre os novos mundos: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa* – cerca de cinquenta e dois escritos elaborados por religiosos ou moralistas na ocasião da morte de homens e mulheres de prestígio –<sup>37</sup>, também não há menção aos funerais como um tipo de festa. Os termos recorrentes entre os letrados da época para referirem-se aos funerais são: “fúnebres obséquios”, “exposição fúnebre e simbólica”, “cerimônia fúnebre” e “solenidade”, ou seja, termos que buscavam expressar a reunião de pessoas para celebrar uma ocasião concebida, na época, como grandiosa, lutuosa, pública e memorável.

---

<sup>35</sup> BARROS, João Borges de. **Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V. Consagrou a Cidade da Bahia Corte da America Portugueza: escrita, e dedicada ao excellentissimo, e Reverendissimo senhor D. Joseph Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, primaz dos Estados do Brasil, do Conselho de Sua Magestade.** Lisboa: Officina Sylviana e da Academia Real, 1753.

<sup>36</sup> PITA, Sebastião da Rocha. **Summario Da Vida, & Morte da Excellentissima Senhora, A Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena, E das Exequias que na Cidade da Bahia consagrou ás suas memorias a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, Esposa do Gonçalo Ravasco Cavalcanty & Albuquerque, Fidalgo da Casa de S. Magestade, Commendador da Ordem de Bhristo, Alcayde mòr da Cidade de Cabo Frio, Secretario do Estado, & Guerra do Brasil, Offerecido A' Excellentissima Senhora, A Senhora D. Maria Francisca Bonifacia de Vilhena, Filha dos Excellentissimos Senhores, o Senhor D. Rodrigo da Costa, & da Excellentissima Senhora, a Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena.** Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721.

<sup>37</sup> O grupo de pesquisa *Escritos sobre os novos mundos* surgiu a partir, sobretudo, de dois problemas centrais comuns a seus pesquisadores: de um lado, problemas de natureza teórica, decorrentes da necessidade de serializar documentações de matizes diversos em busca de modos de produção da verdade em língua portuguesa; de outro, problemas de acesso à documentação, nomeadamente à obras raras e documentos, editados ou escritos entre os séculos XIII e XX e, em larga medida, indisponíveis nas bibliotecas nacionais. Para contornar esse problema os membros do grupo montaram um acervo composto por cerca de 1300 obras digitalizadas dispostas em quatro coleções. Os documentos analisados para a elaboração do presente artigo foram levantados na coleção intitulada “Livros, sermões e outros impressos e escritos em português e publicados nos séculos XVI, XVII e XVIII”, que contém 980 impressos, entre eles, uma série de elogios fúnebres. Coordenado pelo Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e alocado no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (CEDAPH) da Unesp, campus de Franca, o grupo *Escritos sobre os novos mundos*, mantém os catálogos do banco de dados disponíveis para acesso online: GRUPO DE PESQUISA ESCRITOS SOBRE OS NOVOS MUNDOS. **Acervo Digital.** Disponível em: <http://unesp.br/escritos/>. Acesso em: 15 dez. 2016.



As descrições sobre as cerimônias fúnebres organizadas na Colônia são muito semelhantes, sugerindo que tais ocasiões obedeciam a uma certa ordem, deveriam seguir determinados protocolos. Entre os aspectos enfatizados nos encômios, sobressaem-se as decorações com luzes, cores e sons que representavam a morte, a tristeza e o luto presentes nas igrejas, capelas ou irmandades, isto é, nos locais onde geralmente os funerais ocorriam: os panos pretos e roxos, os aparatos dos mausolés e monumentos que representavam o morto, as caveiras e os esqueletos, os coros de vozes com temática lúgubre, as inúmeras velas acesas para a alma do defunto, os sons da artilharia, dos badalares dos sinos das igrejas, das vozes dos pregadores, dos suspiros do público, a presença de colonos distintos, que pertenciam à nobreza e ao clero regular e secular, bem como a participação do povo.

Na já mencionada *Relação Panegyrica*, elaborada por Barros, em honra à morte do rei D. João V, é possível localizar muitas dessas características comuns às cerimônias fúnebres. A notícia sobre o falecimento do rei chegou à Bahia, segundo relata o padre, por informantes de Pernambuco, causando profunda tristeza nos moradores da capital, que logo se reduziu “a um lutuoso abismo de penalidades, toda [ela] ficou soçobrada em um profundo pélagos de amargura”.<sup>38</sup> Logo, os habitantes da Bahia buscaram anunciar a morte do monarca com “os dolorosos gemidos dos metais sagrados” das igrejas e com os “tristes ecos da artilharia” propagados pelas fortalezas, badalares e tiros que soaram durante três dias sucessivos.<sup>39</sup> Em seguida, relata Barros, o magistrado da câmara da Bahia fechou as janelas, suspendeu os tribunais, publicou a notícia da morte e saíram os senadores “arrastando pesados lutos, e persuadindo infalíveis desenganos, a quebrar os reais escudos, na conformidade do antigo estilo do reino, nos lugares mais públicos da cidade”<sup>40</sup>. O arcebispo José Botelho de Matos (1678-1767), como de costume nessas ocasiões, “mandou publicar na sua Sé um oitavario de missas com a esmola de quatrocentos e oitenta réis a todo o sacerdote que quisesse oferecer o incruento sacrifício pela alma de sua majestade; os quais certamente excederam em grande adição o número de mil”<sup>41</sup>, e ordenou a todos os párocos de seu arcebispado, aos conventos e aos recolhimentos sob sua jurisdição, que realizassem em suas igrejas as exéquias reais com muita pompa.

---

<sup>38</sup> BARROS. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 2-3.

<sup>39</sup> \_\_\_\_\_. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 7.

<sup>40</sup> \_\_\_\_\_. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 8.

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 8.



No terceiro dia após a notícia do falecimento de D. João V, iniciou-se o ofício fúnebre, organizado pelo cabido na catedral da Bahia, com direito a “uma eça decorosamente guarnecida, em que competia com o melancólico das sombras o brilhante das luzes”; ao mesmo tempo, conta Barros, “a consonância de dois coros da mais acorde música” harmonizava o templo sagrado.<sup>42</sup> A exemplo da catedral, “todas as religiões, como todas as matrizes, tanto da cidade, como do seu dilatado recôncavo” realizaram sufrágios à alma do defunto, organizando “exéquias, com túmulos magníficos, músicas excelentes, e panegíricos elegantes”<sup>43</sup>.

Ainda sobre as exéquias realizadas na catedral, o padre relata que o mausoléu elaborado para representar o rei foi decorado com ouro, prata, inúmeros pedestais, veludo negro e esqueletos “de estatura de treze palmos, em que desempenhou a arte toda a sua engenhosa valentia: eram de cor natural, e estavam cingidos com véus de ló de preto e ouro expressivos de luto pela morte do monarca defunto”<sup>44</sup>. O padre também descreve os aparatos que remetiam às virtudes do homenageado: na urna havia alguns emblemas referentes às virtudes da caridade e da prudência; “na parte direita, para o corpo da igreja, estava a fé católica olhando com devota inclinação para a cruz que tinha na mão direita: significando-se a viva fé que professou sua majestade em toda sua vida como rei português”; e, na direção esquerda, havia uma estátua da justiça “tendo em uma mão uma balança, e na outra uma espada”, sugerindo a observância de D. João V a esta “última virtude, que é nos príncipes ciência mais necessária para os acertos no difícil magistério de reinar”<sup>45</sup>. Por fim, Barros faz referência às pregações dos sermões e orações fúnebres e ao público presente nas exéquias: nobres, prelados, fidalgos “e mais pessoas distintas, assim eclesiásticas, como seculares, todos por sua ordem, e em seus lugares proporcionados ao caráter de cada um: além de infinitos particulares e uma grande afluência de povo” que, embora não coubessem na igreja, capelas e tribunas, escutavam do lado de fora “o concerto da arte contra os desconcertos da dor”<sup>46</sup>. Após essa narrativa, o letrado descreve de forma similar outras exéquias realizadas alguns dias depois na mesma catedral.

---

<sup>42</sup> \_\_\_\_\_. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 9.

<sup>43</sup> \_\_\_\_\_. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 9.

<sup>44</sup> BARROS. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 11.

<sup>45</sup> \_\_\_\_\_. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 17-20.

<sup>46</sup> \_\_\_\_\_. *Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V*, p. 24-25.



Em poucas palavras, Barros concebe as exéquias como cerimônias grandiosas, lutuosas, dignas de lágrimas, de louvores e também de reflexão por parte do público ouvinte ou leitor. Era imprescindível que os colonos analisassem as virtudes do rei e se espelhassem nelas. No mesmo sentido, era de suma importância que se desenganassem do mundo mediante a reflexão sobre a morte. Um dos propósitos das exéquias de figuras de prestígio, tais como os membros da monarquia era, pois, o de fazer os colonos lembrarem-se de que todos morrem, inclusive os reis, cabendo a todos os católicos nunca se esquecerem dessa verdade incontornável e se prepararem para o bem morrer, mediante a prática das virtudes cristãs, com o intuito de fugirem da morte eterna da alma e garantirem o galardão do céu. O poeta Silvestre de Oliveira Serpa<sup>47</sup> admoestou sobre essa necessidade de os colonos lembrarem cotidianamente da morte em um de seus sonetos, publicado na *Relação Panegyrica* de Barros e, provavelmente, fixado no aparato das exéquias reais:

Até se atreve a morte à majestade?  
Até triunfa do cetro a Parca dura?  
Tudo reduz a fúnebre figura  
De Lachesis a fera atrocidade!

Se isto infalível é, se isto é verdade,  
Em que cuidas, humana criatura?  
Quando vês conduzida à sepultura  
Do monarca maior a potestade?

À vista, pois, de um exemplar tão forte,  
Como não buscas, alma adormecida,  
Da tua salvação seguro o norte?

Larga de todo a procelosa lida,  
Vê que te pode derribar a morte,  
Antes que possas emendar a vida.<sup>48</sup>

Os demais elogios mapeados e analisados seguem o mesmo padrão de descrição e definição das cerimônias fúnebres. O moralista Rocha Pita, por exemplo, buscou explicar para seus ouvintes ou leitores, no referido *Summario da vida, e morte*, em honra à memória de D. Leonor Josefa de Vilhena<sup>49</sup>, consorte de D. Rodrigo da Costa (1657-1722), governador e capitão-geral do Brasil, sobre o papel da pompa nas ocasiões fúnebres, afirmando que “as imagens da memória se

---

<sup>47</sup> Nada conseguimos apurar sobre o poeta Silvestre de Oliveira Serpa.

<sup>48</sup> SERPA, Silvestre de Oliveira. Na morte delRey Nosso Senhor, Soneto Moral. In: BARROS. **Relação Panegyrica das Honras Funeraes, que as memorias do muito alto, e muito poderoso senhor Rey Fidelissimo D. João V**, p. 87.

<sup>49</sup> A única informação encontrada sobre a nobre D. Leonor Josefa de Vilhena é a de que foi mulher de um dos governadores do Brasil, D. Rodrigo da Costa.



reformam pelos espetáculos da vista, e o assombro estimula a imaginação”<sup>50</sup>. Nesse sentido, para o moralista, os aparatos dos funerais tinham o propósito de provocar a dor do luto e a lembrança da morte no público mediante vários aspectos visuais, como os mausoléus, os estandartes e os panos pretos e roxos que serviam como decoração das igrejas. Reforçavam tais aspectos lutosos, o uso de velas, esqueletos, e até mesmo de sonetos, epigramas e emblemas, que ficavam expostos no cenário para quem quisesse e pudesse ler acerca das virtudes da defunta homenageada ou sobre a caducidade do humano.

O jesuíta Amaro Pereira de Paiva<sup>51</sup>, em um elogio pregado na Bahia, durante as exéquias do rei D. João V, também alertou os ouvintes e leitores de sua composição sobre a certeza da morte e, principalmente, sobre a importância das ocasiões fúnebres para os colonos aprenderem “a meditação da morte”, considerada por ele como “a melhor mestra para a vida”, porque, além de permitir o desapego aos bens e deleites mundanos, fornecia aos fiéis católicos os meios mais eficazes para conhecerem a si mesmos e praticarem as virtudes. O padre Matias Antônio Salgado, em contrapartida, destacou na dedicatória a D. José I (1714-1777), de sua relação fúnebre em honra à morte do monarca D. João V – encômio que também foi analisado por Afonso Ávila em um artigo abordado no tópico anterior – sobre como as ocasiões fúnebres requeriam sentimentos e louvores específicos aos defuntos, os quais deveriam ser diferentes das festas. Afirma Salgado que, embora estivesse feliz em oferecer a relação das exéquias ao rei morto, não confundia “os ciprestes com as palmas, os vivos com os gemidos, as aclamações com as exéquias”, seu propósito principal era contribuir para a glória de D. João V, “com uma precisa demonstração de respeito e lealdade”<sup>52</sup>.

### **Considerações finais**

Após essa breve análise das descrições sobre as cerimônias fúnebres, é possível perceber como os estudiosos abordados no começo desse artigo partem de um conceito de festa que ultrapassa as definições atribuídas pelos homens dos séculos XVII e XVIII, reunindo significações muitas vezes generalizantes. Embora os funerais também se configurassem como cerimônias públicas, os religiosos e moralistas da colônia não os definiram como uma festa, mas como uma ocasião lutuosa que deveria manifestar os sentimentos de respeito, tristeza e difundir lições morais

---

<sup>50</sup> PITA. **Summario Da Vida, & Morte da Excellentissima Senhora, A Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena**, p. 14.

<sup>51</sup> Não foi possível reunir muitas informações sobre a vida do padre Amaro Pereira de Paiva. Sabe-se que nasceu na Bahia e que entrou para a Universidade de Coimbra, em 1729, formando-se em cânones, em 1734.

<sup>52</sup> SALGADO, Matias Antônio. Senhor. In: \_\_\_\_\_. **Monumento do agradecimento, tributo da veneração, obelisco funeral do obsequio, relaçam fiel das reaes exequias**, não paginado.



sobre a morte. Assim, os elogios evidenciam como os funerais ou exéquias possuíam um papel edificante. A “pompa fúnebre”, como referiam-se os letrados da época aos aparatos da cerimônia, possuía propósitos específicos, diferentes da “pompa festiva”: além de exaltar a grandiosidade do defunto, remetia à necessidade de lembrança da morte. Do mesmo modo, os elogios elaborados para os mortos de prestígio, como sintetiza o padre Antônio Vieira, possuíam objetivos próprios: sentir a morte, louvar o morto e consolar os vivos.<sup>53</sup> Portanto, ao partir das descrições e prescrições contidas nos encômios, e considerando que, por meio de um vocabulário específico, seja possível encontrar indícios sobre as verdades partilhadas pelos homens de um determinado período histórico<sup>54</sup>, é possível inferir que os funerais realizados na colônia, segundo o registro dos coetâneos aos séculos XVII e XVIII aqui analisados, não se caracterizavam como festas.

---

<sup>53</sup> VIEIRA, Antônio. Sermão do Serenissimo Infante D. Duarte de Dolorosa Memoria, morto no Castello de Milão. In: \_\_\_\_\_. **Sermões Varios, e Tratados, Ainda não impressos, do grande padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus**. Tomo XV. Lisboa: Officina de Manoel da Sylva, 1748, p. 164-252.

<sup>54</sup> VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. 2. ed. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 23-33.